



Correspondência aos Autores

¹ Christiane Guimarães dos Santos dos Passos
 Universidade Federal de Santa Catarina
 - UFSC
 E-mail: christiane.guimaraes@ifsc.edu.br
 CV Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/1301481267308673>

² Luciane Stallivieri
 Universidade Federal de Santa Catarina
 - UFSC
 E-mail: luciane.stallivieri@ufsc.br
 CV Lattes:

Submetido: 14 jul. 2023
 Aceito: 01 out. 2023
 Publicado: 28 out. 2023

[doi](https://doi.org/10.20396/riesup.v11i00.8673953) 10.20396/riesup.v11i00.8673953
 e-location: e025021

ISSN 2446-9424

Checkagem Antiplágio



Distribuído sobre



Internacionalização em casa por meio da mobilidade virtual nas Instituições de Educação Superior federais de Santa Catarina

Christiane Guimarães dos Santos dos Passos¹  <https://orcid.org/0000-0002-9467-3016>

Luciane Stallivieri²  <https://orcid.org/0000-0002-2104-8607>

RESUMO

Introdução: a internacionalização da educação superior, focada na mobilidade física, é uma atividade restrita a poucos alunos. Com as limitações causadas pela pandemia de COVID-19 a mobilidade física foi prejudicada e a mobilidade virtual passou a ser uma opção para as instituições manterem a internacionalização. Sob a perspectiva de que a mobilidade virtual pode contribuir para a internacionalização nas instituições de educação superior. **Objetivo:** analisar o desenvolvimento da internacionalização em casa por meio da mobilidade virtual nas instituições de educação superior federais do estado de Santa Catarina. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de caso, no qual foram realizadas entrevistas com dois gestores de duas instituições federais do estado de Santa Catarina. Foi realizada análise documental, utilizando-se da análise de conteúdo para a discussão dos dados. **Resultado:** a análise permitiu identificar que houve ofertas de unidades virtuais no período pandêmico, as quais foram caracterizadas quanto a: tipo de oferta, língua de instrução, duração, modalidade, tipo de certificação, público-alvo e público demandante. Foram apontados, com base na percepção dos gestores, os facilitadores e os dificultadores para tais ofertas. **Conclusão:** como principal contribuição da pesquisa, foi elaborado um rol de ações a serem tomadas pelas instituições que tenham como propósito desenvolver a internacionalização da educação, por meio da internacionalização em casa e por meio da atração de estudantes internacionais para a mobilidade virtual.

PALAVRAS-CHAVE

Educação superior. Internacionalização da educação superior. Mobilidade virtual. Internacionalização em casa.

Internationalization at home through virtual mobility in the federal Higher Education Institutions of Santa Catarina

ABSTRACT

Introduction: the internationalization of higher education, focused on physical mobility, is an activity that is restricted to a few students. With all the restrictions caused by the Coronavirus pandemic, physical mobility was impaired and virtual mobility became the only option for the institutions to maintain their internationalization activities. From the perspective that virtual mobility may contribute to the internationalization at home in higher education institutions. **Objective:** to analyze the development of internationalization at home, through virtual mobility in federal higher education in the state of Santa Catarina. **Methodology:** this is a case study which interviews were carried out with two managers from two federal institutions in the state of Santa Catarina, and a documentary analysis was performed, using content analysis for data discussion. **Results:** the analysis made it possible to identify that there were offers of virtual unities during the pandemic, which were characterized according to the type of offer, language of instruction of the virtual unity, duration, modality, type of certification, target audience, and demanding public. Based on the managers' perception, the facilitators and obstacles for such offerings were pointed out. **Conclusion:** as the main contribution, a list of actions to be taken by institutions which aim to develop the internationalization of education, through internationalization at home and through the appeal to virtual students with virtual mobility was recommended.

KEYWORDS

Higher education. Internationalization of higher education. Virtual Mobility. Internationalization at home.

Internacionalización en casa por medio de la movilidad virtual en las Instituciones Federales de Educación Superior de Santa Catarina

RESUMEN

Introducción: la internacionalización de la educación superior centrada en la movilidad física es una actividad restringida a pocos estudiantes. Con las restricciones causadas por la pandemia de la COVID-19, la movilidad física se vio perjudicada y la movilidad virtual se transformó en una opción para que las instituciones pudieran mantener la internacionalización. Desde una perspectiva de que la movilidad virtual puede contribuir a la internacionalización en las instituciones de educación superior. **Objetivo:** analizar el desarrollo de la internacionalización - at home - en casa - por medio de la movilidad virtual en las instituciones de educación superior federales del estado de Santa Catarina. **Metodología:** trata-se de un estudio de caso, en el que se realizaron encuestas con dos gerentes de dos instituciones federales del estado de Santa Catarina. También se llevó a cabo un estudio documental, por medio del análisis de contenido, para discutir los datos del corpus seleccionado. **Resultados:** el análisis permitió identificar que hubo ofertas de unidades virtuales en el período de la pandemia, que fueron caracterizadas con relación al: tipo de oferta, idioma de instrucción, duración, modalidad, tipo de certificación, público objetivo y público solicitante?. Los gerentes señalaron los facilitadores y los obstáculos de esas ofertas. **Conclusión:** como principal contribución, se elaboró un listado de acciones que deben ser llevadas a cabo por las instituciones cuyo fin sea desarrollar la internacionalización de la educación, a través de la internacionalización en casa y la atracción de estudiantes internacionales a la movilidad virtual.

PALABRAS CLAVE

Enseñanza superior. Internacionalización de la enseñanza superior. Movilidad virtual. Internacionalización en casa.

CRediT

- **Reconhecimentos:** Não aplicável
- **Financiamento:** Não aplicável
- **Conflitos de interesse:** Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
- **Aprovação ética:** Não aplicável
- **Disponibilidade de dados e material:** Não aplicável.
- **Contribuições dos autores:** Conceituação: Santos dos Passos, C. G.; Stallivieri, L.; Curadoria de Dados, Investigação, Análise Formal, Metodologia, , Redação – rascunho original; Revisão & edição, Administração de Projetos, Visualização: Santos dos Passos, C. G.; Supervisão; Validação: Stallivieri, L.

Editora de Seção: Andréia Aparecida Simão

1 Introdução

Embora a internacionalização da educação superior aconteça desde o surgimento da universidade, a mobilidade física é uma das atividades que mais cresceu nos últimos anos, apesar de ainda ser restrita a poucos estudantes. A internacionalização da educação superior é entendida “como um processo de integração das dimensões internacional, intercultural ou global às metas, funções e ofertas do ensino superior” (Knight 2003, p. 2), indo além das funções básicas de ensino, pesquisa e extensão. A internacionalização em casa é definida como “a integração proposital das dimensões internacionais e interculturais no currículo formal e informal para todos os estudantes em ambientes de aprendizagem domésticos” (Beelen, 2015, p. 69), especialmente, objetivando o desenvolvimento de suas competências interculturais para atuação nos cenários globais.

Quanto à prática da internacionalização das instituições, estudos evidenciam que a mobilidade acadêmica é um dos pilares que mais se destaca (Stallivieri, 2017). No ano 2000 havia, em todo o mundo, 1,2 milhões de estudantes em atividades internacionais. A expectativa para 2025 era de que seriam 7,2 milhões de estudantes em mobilidade no globo (Knight, 2020).

No entanto, com o advento da pandemia da COVID-19, ocorreu um movimento crescente de internacionalização por meio da mobilidade. Isso porque, com a transmissibilidade rápida, o vírus provocou colapso nos sistemas de saúde, fazendo com que a Organização Mundial da Saúde recomendasse a restrição de viagens internacionais a emergências, ajuda humanitária e repatriação (WHO, 2020), comprometendo os planos de muitos acadêmicos em mobilidade.

Nesse contexto, uma solução já conhecida foi retomada: a mobilidade virtual, que é o tema central deste estudo. Busca-se compreender as dimensões da mobilidade receptora virtual de acadêmicos, procurando delinear a sua contribuição para a internacionalização em casa, nas instituições de educação superior (IES).

Com a mobilidade física prejudicada, a mobilidade virtual apresenta-se como a solução para que os acadêmicos e as instituições obtenham os benefícios que a experiência internacional pode proporcionar. A mobilidade virtual surgiu no contexto do ensino de línguas, há mais de 25 anos (O’Dowd, 2016; O’Dowd, 2018; Barbosa; Ferreira Lopes, 2021) e é conhecida também como intercâmbio virtual, dentre outros. Essa diversidade de nomenclaturas demonstra o interesse crescente em atividades de ensino-aprendizagem mediadas por tecnologia online e a sua adaptabilidade em diferentes contextos (O’Dowd, 2018).

Mesmo sendo de grande destaque no cenário da internacionalização, a mobilidade física de estudantes internacionais no Brasil ainda é muito reduzida. No período de 2019 a 2020, o Brasil enviou 81882 estudantes em mobilidade, enquanto recebeu 21803 acadêmicos (UNESCO, 2020). Tal desequilíbrio deveria estar em pauta, ao se discutir os objetivos da internacionalização (Stallivieri, 2019). A recepção de estudantes internacionais virtuais e a convivência em uma sala de aula multicultural são ações que podem contribuir para a

internacionalização em casa de uma Instituição de Educação Superior (Beelen; Jones, 2015), e, portanto, a oferta de unidades virtuais deve ser estratégica para o avanço deste processo.

Vale destacar que, nesta pesquisa, as unidades virtuais são entendidas como toda ação promovida pela IES para atrair virtualmente estudantes internacionais e promover a internacionalização em casa. Acredita-se que a sua oferta pode auxiliar as IES a desenvolverem o seu processo de internacionalização em casa, incrementando o número de estudantes internacionais que participam de programas de intercâmbio no país, mesmo que de forma virtual, e ampliando as possibilidades de trocas interculturais entre os acadêmicos.

A internacionalização virtual envolve uma série de atividades realizadas em meio virtual, com objetivo de internacionalizar a educação. Stallivieri (2021) afirma que internacionalização virtual é “o processo intencional para integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global nos objetivos, funções e provisão da Educação Superior, com o apoio de tecnologias da informação e comunicação” (Stallivieri, 2021, p. 14).

As principais características para diferenciar o que é internacionalização virtual do que é um curso à distância estão nos aspectos “internacional”, “global” e “intercultural” da proposta, de acordo com a definição proposta por Knight (2003). Não basta existir um curso em uma plataforma online, é preciso que o desenvolvimento da atividade tenha foco em desenvolver habilidades globais, internacionais e/ou interculturais. Corroborando com Knight, Bruhn (2016) também afirma que o ato de matricular um estudante em qualquer parte do mundo não significa necessariamente que está se praticando internacionalização. A internacionalização, de acordo com a autora, passa pela inclusão de componentes globais no currículo em casa, seja no campus ou na educação à distância online.

A UNESCO desenvolve um projeto no qual estuda os efeitos da pandemia da COVID-19 na mobilidade de estudantes, analisando o potencial da virtual student mobility (VSM), ou mobilidade virtual de estudantes. Embora haja diferentes nomes para se referir à internacionalização e à mobilidade virtual e haja também diferenças na execução dessas atividades, observa-se que o ponto em comum entre elas é agregar aspectos internacionais, globais e interculturais na formação dos estudantes. O’Dowd (2018) reconhece que há pontos positivos e pontos negativos na diversidade de nomes e sinônimos para essas atividades. Um ponto positivo é que tal diversidade mostra que essa metodologia se mostrou adaptável a diferentes objetivos pedagógicos e diferentes contextos de aprendizagem. Outra característica favorável é ser “considerado em alguns setores como uma opção válida para fornecer uma experiência para aqueles estudantes que não querem ou não conseguem se envolver em programas de mobilidade física” (O’Dowd, 2016, p. 292).

A implementação dessas metodologias pode encontrar algumas dificuldades. A diversidade de nomes, como já mencionado, dificulta com que um número maior de pessoas, principalmente educadores, pesquisadores e tomadores de decisão, tenham conhecimento dessas propostas (Rubin, 2016). Além disso, o acesso limitado à tecnologia, as limitações nas habilidades digitais, as diferenças de fuso horário em atividades síncronas, e a resistência

institucional na implementação da abordagem são dificuldades apontadas por O’Dowd (2018).

Por outro lado, o mesmo autor sugere que as IES tenham reconhecimento formal, na forma de prêmios, aos docentes que desenvolvem intercâmbio virtual (O’Dowd, 2021). Do ponto de vista administrativo, o autor recomenda que o intercâmbio virtual esteja integrado ao currículo e que os estudantes sejam reconhecidos por participar em tais atividades. Do ponto de vista pedagógico, O’Dowd (2021) pontua a necessidade de balancear atividades síncronas em vídeo com atividades assíncronas baseadas em texto. Além disso, sugere balancear atividades mais formais, em torno do conteúdo proposto, com atividades de comunicação e interação entre os estudantes. Também é necessário preparar os estudantes quanto à forma de interagir em ambiente virtual com pessoas de outras culturas. É necessário, ainda, selecionar os tópicos a serem trabalhados, para que propiciem aos estudantes interagir em profundidade com os colegas e não caiam em superficialidades (O’Dowd, 2021).

Para o Instituto Internacional para a Educação Superior na América Latina e no Caribe (UNESCO IESALC), uma das vantagens da VSM é o baixo custo, se comparado com a mobilidade física, além da redução da emissão de carbono gerada pelas viagens internacionais. Como desafios, a UNESCO menciona o fato da VSM ser vista por estudantes, familiares e empregadores como atividade inferior à mobilidade física, mas pondera que, embora diferente, a VSM pode ser usada como complemento ou como alternativa à mobilidade física. Outro desafio é a exclusão digital sofrida em muitos países, onde parcela significativa da comunidade estudantil não tem acesso à tecnologia e à internet, bem como às oportunidades derivadas desse acesso. Esse desafio, segundo a Unesco Iesalc, pode ser enfrentado por meio de parcerias.

A UNESCO IESALC também pontua a necessidade de se manter um mecanismo de avaliação para garantir a qualidade da VSM, em todas as etapas. Os pontos a serem avaliados incluem: limitações de infraestrutura, barreiras linguísticas, qualidade dos cursos e diplomas e diferenças na implementação entre as instituições. Existem quatro áreas, segundo a UNESCO IESALC, que um mecanismo de avaliação deve abordar:

Ponderados os desafios e as dificuldades em implantar tais metodologias, observa-se que o uso de tecnologias pode auxiliar na internacionalização da educação superior, para que essa atinja um número maior de acadêmicos. Se antes as tecnologias eram vistas muitas vezes como barreiras em sala de aula, a pandemia mostrou que o seu uso pode ser um importante auxílio no contexto educacional (Barbosa; Ferreira Lopes, 2021). Segundo esses autores, estudiosos da área acreditam que a inclusão de colaborações virtuais interculturais no currículo é uma tendência que veio para ficar, pois acaba tornando acessível uma internacionalização da educação que alcança todos os estudantes, e não apenas os que têm condições de acessar uma viagem internacional (Barbosa; Ferreira Lopes, 2021).

Diante do exposto e da relevância da temática, o objetivo traçado neste estudo foi o de analisar o desenvolvimento do processo de internacionalização em casa por meio da mobilidade virtual nas IES federais de Santa Catarina (SC).

A pesquisa justifica-se por sua relevância, oportunidade e viabilidade (Roesch, 2013). Sua contribuição para a educação e para a sociedade, é reconhecida pelos teóricos (Knight, 2003; Hudzik, 2011; De Wit, 2013; Stallivieri, 2017) e pelas instituições como uma atividade que agrega valor às instituições e aos estudantes, propiciando a eles uma formação mais humanizada, que respeita as diferenças e promove a cultura e a educação para a paz.

O escopo geográfico inicial desta pesquisa corresponde as quatro IES federais de Santa Catarina: o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), o Instituto Federal Catarinense (IFC), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS). A pesquisa no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) das IES demonstra aspiração quanto à internacionalização na educação, além do reconhecimento da importância da mobilidade receptora, confirmando a relevância do estudo. Entende-se que a pesquisa poderá mostrar quais são os fatores que as diferenciam, no que tange à internacionalização, visto que elas têm características que as assemelham, mas também outras que as distinguem. Essa análise contribuirá para delinear ações de gestão que possam aperfeiçoar a oferta de unidades virtuais para as IES que desejam desenvolver a internacionalização em casa por meio da mobilidade virtual.

A oportunidade se justifica pela ruptura ocasionada pela pandemia, a qual “deve ser abraçada como uma oportunidade para abordar algumas das consequências perniciosas e injustas, embora não intencionais, das abordagens existentes para internacionalização” (Leask, 2020, p. 1388, tradução nossa). Mais do que uma ruptura, o momento é de possibilidade para mudar o foco de competição para cooperação (Finardi; Guimarães, 2020). Leask (2020) afirma também que é uma oportunidade para preparar os estudantes para o futuro, qualquer que seja ele. Um dos aspectos negativos da internacionalização era o foco quase exclusivo na mobilidade física, atividade elitizada que demanda altos recursos financeiros e grande impacto ambiental (Leask, 2020). Uma das possíveis previsões da autora é que nos próximos anos as universidades irão ver uma menor circulação de estudantes internacionais e a mobilidade virtual será a nova realidade (Leask, 2020). É preciso esforço para não voltar às velhas práticas, repensando ensino, aprendizagem, pesquisa e serviço na educação superior (Leask, 2020).

2 Procedimentos metodológicos

A pesquisa se caracterizou como de natureza aplicada (Vergara, 2013, p. 42), devido à necessidade de resposta aos efeitos advindos da pandemia da COVID-19, a qual impactou a mobilidade estudantil em pelo menos 89% das IES entre março e abril de 2020 (Marinoni; Van’T Land; Jensen, 2020). Quanto aos meios, foi um estudo de casos múltiplos, visto que não há o objetivo de realizar comparações, mas sim de entender e aprofundar o tema (Triviños, 1987; Yin, 2015).

O recorte temporal é transversal, pois foram pesquisadas as ações desenvolvidas no período pandêmico (março/2020 até o início de 2022). A escolha da população se deu pela intencionalidade, considerando fatores como essencialidade e facilidade de acesso (Triviños,

1987). Embora o projeto previsse pesquisar as 4 IES federais de SC, a pesquisa foi conduzida apenas com as 2 IES que participaram da entrevista. Os convites para entrevista foram enviados em dezembro de 2021. Após insistência, apenas 2 IES aceitaram o convite. Cabe registrar que duas das quatro IES passaram por uma conturbada transição de gestão no período da pesquisa, o que pode representar uma limitação metodológica. A entrevista foi realizada com um gestor do departamento de internacionalização de cada uma das duas IES que aceitaram a participação, as quais foram identificadas como IES A e IES B.

Para a coleta e a análise dos dados foi utilizada a triangulação de dados, de modo que uma etapa retroalimentou a outra, construindo a compreensão do fenômeno estudado. A constituição do corpus respeitou as regras da exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência (Bardin, 2011), ao serem escolhidas todas as IES a partir da adoção de um mesmo critério. As quatro IES se localizam no mesmo estado, sujeitas a públicos e demandas semelhantes, respondem a mesma esfera e legislação, o que pode permitir que algumas conclusões possam ser feitas após a análise.

A entrevista com a IES A (janeiro/2022) foi gravada por meio do Google meet; a entrevista com a IES B (abril/2022) foi gravada com o aplicativo Whatsapp, devido à expiração da gratuidade do Google meet. A transcrição foi feita com auxílio do Whatsapp e do Telegram. Para a análise dos dados foi utilizado programa de edição de textos (Word) e de planilhas (Planilhas Google).

Para análise documental foram realizadas buscas nos sites das IES procurando documentos oficiais sobre a internacionalização da educação nas IES pesquisadas, nos quais constasse a mobilidade virtual, especificamente a receptora, ou políticas e ações que promovam a esse tipo de mobilidade. Foram analisados os editais e o PDI das duas IES e o Plano Institucional de Internacionalização (PII) de uma delas, já que a outra não possui PII. A codificação partiu das categorias e códigos de análise estabelecidos a priori, a partir da literatura (Bardin, 2011).

Quadro 1. Síntese do desenvolvimento da pesquisa

Categorias de análise	Códigos de análise	Referência
Cat. 1 - Unidades virtuais para estudantes intercambistas	Oferta de unidades virtuais	O'Dowd, 2018 Knight, 2020 Stallivieri, 2021
	Ausência de oferta de unidades virtuais	
Cat. 2 – Caracterização da oferta de unidades virtuais	Tipo de oferta da unidade virtual (disciplina, curso, palestra, webinar)	De Wit; Knight, 1995 Knight, 2020 O'Dowd, 2021 Rubin, 2016
	Língua de instrução da unidade virtual	
	Duração carga horária (semanal / mensal / semestral)	
	Modalidade (síncrona, assíncrona)	
	Tipo de certificação (validação de créditos, registro no histórico escolar, certificado, diploma)	
	Público-alvo (técnico, graduação, pós-graduação)	
Cat. 3 – Fatores que contribuíram e fatores que dificultaram a oferta das unidades virtuais	Público demandante (professores, estudantes, gestores)	O'Dowd 2018 e 2021; UNESCO IESALC, 2021; Stallivieri, 2019 Hudzik, 2011 Beelen; Jones, 2015 Leask, 2020 Childress, 2009
	Legislação	
	Estrutura tecnológica (hardware e software)	
	Posicionamento institucional (resistência, suporte)	
	Disponibilidade de recursos (humanos, financeiros, infraestrutura)	
	Estigma como atividade inferior	
	Habilidades digitais	
	Diferença no fuso horário	
Cat. 4 – Ações de gestão para aperfeiçoamento da oferta de unidades virtuais	Domínio de línguas	Knight; De Wit, 1995 Childress, 2009 Hudzik, 2011 Stallivieri, 2017 O'Dowd 2018 e 2021; UNESCO IESALC, 2021 e 2022 De Wit; Jones, 2022
	Integração ao currículo	
	Equilíbrio entre atividade síncrona e assíncrona	
	Equilíbrio entre atividades formais e de interação	
	Preparo para interação em ambiente virtual	
	Estabelecimento de parcerias	
	Suporte do setor de internacionalização	
	Mecanismos de diagnóstico de oferta das unidades virtuais	
Mecanismos de monitoramento		
Mecanismos de avaliação		

Fonte: elaborado pelas autoras.

A codificação pela unidade semântica (Bardin, 2011) foi feita analisando os trechos dos documentos e os espaços nos sites que falavam do tema da pesquisa (internacionalização da educação superior), afunilando-se para mobilidade e para mobilidade virtual receptora. Dessa forma, foram analisados os PDIs das duas instituições, além de editais e informações obtidas

nos sites. O PDI é um documento institucional obrigatório pelo Decreto nº. 5.773/2006 e deve conter pelo menos a missão, os objetivos e as metas da IES, a sua organização administrativa e didático-pedagógica, entre outros elementos. Após leitura flutuante dos PDIs, foram selecionadas todas as unidades de contexto que abordavam sobre “internacionalização”, “mobilidade”, “intercâmbio”, “at home”, “in house”. Foram encontradas 50 ocorrências na IES A e 118 ocorrências na IES B, as quais foram destacadas e analisadas com auxílio de planilha eletrônica, descartando-se resultados que não fossem pertinentes à temática da pesquisa. Para análise do PII, foi feita a leitura do documento, identificando todo o conteúdo relacionado à “mobilidade”, “intercâmbio”, “mobilidade virtual”, “internacionalização em casa”. O PII estabelece diretrizes, objetivos e ações estratégicas da IES em relação ao seu processo de internacionalização e passou a ser obrigatório às IES que quisessem se candidatar ao Capes PrInt, programa criado pela Portaria CAPES nº 220, de 16 de outubro de 2017.

A análise dos dados se deu por meio da análise de conteúdo (Bardin, 2011), envolvendo três etapas: pré-análise; descrição analítica; e interpretação referencial (Triviños, 1987), sendo que a regra de enumeração escolhida foi a análise de presença ou ausência (Bardin, 2011). Na próxima seção serão apresentados e analisados os dados obtidos, fazendo uma breve apresentação das duas IES que participaram da pesquisa, seguidos dos dados das entrevistas, dos documentos e correlacionando-os com a literatura.

3 Apresentação e análise dos dados

A apresentação dos dados das entrevistas da IES A e da IES B, nessa ordem, ocorre paralela à análise, correlacionando os resultados e os achados da literatura. A triangulação dos dados permite que as ideias sejam descritas, explicadas e compreendidas na medida em que são apresentadas (Triviños, 1987).

As IES federais de Santa Catarina são compostas por duas universidades e dois Institutos Federais (IFs). Embora sejam subordinadas a secretarias diferentes na hierarquia do Ministério da Educação (MEC) e tenham diferenças no objetivo de atuação, têm em comum a oferta de educação superior e os desafios da gestão universitária, dentre eles a internacionalização. Os IFs não são chamados de universidades, mas encaram os mesmos desafios em sua gestão e, portanto, foram selecionados para compor essa pesquisa. As entrevistas foram realizadas com gestores do departamento de internacionalização da IES A e da IES B, referenciados como gestor g1 e gestor g2 para evitar identificação. Ambos são docentes e atuam na área desde 2019.

Para identificar se houve oferta de unidades virtuais e se antes da pandemia já havia algum interesse pela internacionalização em casa e pela mobilidade virtual, perguntou-se aos entrevistados como eles descrevem o processo de internacionalização de sua IES e se houve alguma mudança na forma de conduzir a internacionalização em decorrência da pandemia da COVID-19. Os códigos esperados e encontrados nesta etapa são apresentados no quadro 2.

Quadro 2. Códigos esperados e códigos encontrados na IES A e na IES B – Categoria 1

Códigos esperados	Códigos encontrados na IES A	Códigos encontrados na IES B
Oferta de unidades virtuais		X
Ausência de oferta de unidades virtuais	X	

Fonte: elaborado pelas autoras.

Embora a IES A tenha acordos internacionais para recepção de estudantes, o gestor g1 descreve o processo direcionado apenas ao envio de estudantes para o exterior. Segundo ele, a recepção fica prejudicada devido à barreira linguística, identificando a dificuldade que a IES enfrenta para ofertar cursos de português para estrangeiros, em função da distribuição de carga horária dos docentes de língua portuguesa. Também apontou que a pandemia trouxe a mobilidade virtual como uma “*nova modalidade*” para a IES, caracterizando-a como uma modalidade sustentável e que promove maior equilíbrio na oferta da mobilidade, como pode ser observada na fala a seguir: “*por conta da pandemia houve um olhar mais cuidadoso aqui pros países mais próximos, né? Da América Latina que sempre eram deixados de lado pra enviar os alunos pra Europa, América do Norte, enfim. Foi bem positivo*”.

A análise dos documentos da IES A e das informações disponibilizadas no *site* institucional, o qual inclui editais de mobilidade, mostra a inexistência de oferta de unidades virtuais para estudantes internacionais. Foi possível observar que existiu apenas a oferta de mobilidade virtual para envio de estudantes, por meio de editais de instituições parceiras e que houve adesão dos estudantes a essas ofertas.

A fala do gestor permite constatar os aspectos sustentados por Stallivieri (2019) e Stallivieri e Vianna (2020) como determinantes para a internacionalização responsável. O equilíbrio na oferta de oportunidades, especialmente valorizando parcerias com o Sul e não apenas com o Norte global, o equilíbrio na valorização das línguas, a sustentabilidade ambiental e financeira, são alguns aspectos que contribuem para a internacionalização responsável, segundo os autores.

Quanto à segunda pergunta, o gestor g1 respondeu que:

*[...] houve uma **mudança de mentalidade** muito grande dos próprios estudantes e professores também da importância disso porque já existiam alguns programas pontuais de parceiros que ofereciam esse tipo de mobilidade, mas parece que eles não eram tão importantes na visão dos alunos, né? Mais interessante seria ir pra lá, do que ficar em casa. E hoje eu vejo que cada vez mais está aumentando a procura por essa modalidade. Sabe? **No último edital a gente teve o dobro de procura do que teve no ano retrasado. É, foi muita gente procurando, isso eu achei bem positivo.** (grifos nossos)*

Analisando os editais de mobilidade percebe-se que o número de inscrições aumentou dentre os anos de 2020 e 2022. Embora se trate de dados da mobilidade de envio, é perceptível que houve uma mudança de comportamento dos estudantes no sentido de valorização das oportunidades virtuais. Cabe lembrar que o recorte desta pesquisa analisa a mobilidade

receptora, portanto, uma análise detalhada desses dados e das motivações dos estudantes não cabe na proposta desta pesquisa.

Embora o PDI da IES A tenha como um de seus objetivos estratégicos a consolidação da internacionalização e tenha como uma das iniciativas estratégicas aumentar a visibilidade internacional, o documento não menciona a mobilidade virtual. O fomento à mobilidade, de modo geral, é mencionado como uma diretriz da extensão, com o objetivo de contribuir para a troca de conhecimento e de tecnologias, visto pela IES A como uma possibilidade a ser alcançada tanto pela mobilidade presencial quanto pela mobilidade virtual.

O PDI da IES A elenca também a sustentabilidade como uma política a ser desenvolvida, sendo apresentada em suas três dimensões: ambiental, social e econômica, tornando-se claro no próprio documento que a articulação das ações de ensino, pesquisa, extensão e gestão podem levar à redução das desigualdades sociais. A articulação das políticas, como a de internacionalização, de tecnologia da informação e de sustentabilidade podem contribuir uma com a outra, estabelecendo conexões com as áreas finalísticas da IES, contribuindo assim, para o alcance do objetivo estratégico da IES, que é consolidar a internacionalização. Outro ponto que merece destaque documento é quando menciona a ampliação da mobilidade como consequência da criação de uma política institucional de internacionalização. De fato, a IES A não tem uma política institucional de internacionalização formalizada, assim como também não tem um documento que fomenta ou descreva a importância da mobilidade virtual.

Um dos desafios na implantação da mobilidade virtual apontado pela UNESCO IESALC (2021), é o fato dela ser considerada, muitas vezes, como uma atividade inferior à mobilidade presencial. Esse estigma como atividade inferior pode estar relacionado ao posicionamento institucional e justificar a falta de apoio das instâncias superiores e da comunidade em geral, dificultando a disponibilização de recursos humanos e financeiros (O'Dowd, 2016; O'Dowd, 2018).

O gestor g2, em resposta à primeira pergunta, descreve a internacionalização como um processo em crescimento, não linear, com altos e baixos. Destaca ainda que a principal dificuldade é a financeira, e o grande desafio da gestão da internacionalização é o envolvimento de toda a comunidade no processo.

Ao analisar o PDI da IES B, observa-se que a instituição enfatiza a importância da participação de toda a comunidade acadêmica nas ações de internacionalização, tratando-a como um tema transversal ao ensino, pesquisa e extensão. O PDI caracteriza a internacionalização por essa transversalidade, entendendo que o envolvimento de toda a comunidade contribui significativamente no seu alcance. Ademais, as ações são estabelecidas com o objetivo de atrair estudantes, docentes e técnicos, entendendo também que essa atração contribui para a criação de um ecossistema internacionalizado. Vale ressaltar que, além do PDI, a IES tem o PII, o qual declara que a internacionalização é desenvolvida com base nas seis

dimensões da internacionalização transversal (ou *comprehensive internationalization*, no original).

Os documentos analisados na IES B deixam claro que o posicionamento institucional é de suporte e de desenvolvimento da internacionalização. Tanto o PDI como o PII adotam a internacionalização como um processo abrangente (Hudzik, 2011), detalhando as ações e estratégias para que a IES se torne de classe mundial, de modo sustentável, promovendo a solidariedade e a cooperação internacional.

Quando questionado se houve alguma mudança em decorrência da pandemia, o gestor g2 diz que sim, destacando que a impossibilidade de realizar a mobilidade física ampliou o olhar da comunidade, entendendo que internacionalização não se resume apenas à mobilidade acadêmica. Ele menciona que: “*Essa questão da mobilidade virtual era algo que já vinha sendo trazido há muito tempo, já existia uma convocação, uma vontade, mas a pandemia meio que empurrou, né? E acelerou e fez isso acontecer de uma maneira mais... mais rápida, talvez.*” Além disso, também aponta que a ausência de mobilidade física permitiu que houvesse tempo para que a equipe do setor se dedicasse a outras formas de internacionalizar na educação.

A mobilidade virtual já era mencionada na literatura antes da pandemia, sob diversos nomes, dificultando seu entendimento e implementação (Rubin, 2016; O’Dowd, 2018). No entanto, na prática, era uma opção não valorizada (UNESCO IESALC, 2021). Com a necessidade imposta pela pandemia, a mobilidade virtual encontrou espaço.

A disponibilização de recursos é essencial para que a mobilidade virtual aconteça (O’Dowd, 2018) e o ponto de partida para a liberação de recursos é o posicionamento institucional, promovendo apoio às ações de internacionalização. Quando esse posicionamento é de apoio intencional (De Wit *et al.*, 2015), o departamento de internacionalização é valorizado com recursos humanos, financeiros e de infraestrutura, além da transversalidade, podendo ser observada nos documentos institucionais e nas ações da comunidade escolar (Hudzik, 2011).

A fala do gestor g2 vem ao encontro do previsto no PDI da instituição, o qual descreve a internacionalização em casa e no exterior. Uma das iniciativas estratégicas do PDI, que visa atender ao objetivo relacionado ao desenvolvimento de competências globais e interculturais, é justamente oferecer disciplinas ministradas em língua inglesa para a criação de um ambiente internacional e intercultural em todos os *campi* da IES, desenvolvendo assim a internacionalização em casa. Em outra seção do PDI, a iniciativa estratégica é voltada à promoção da internacionalização em casa para docentes, discentes e técnicos. Entre as atividades descritas para sua consolidação está a oferta de cursos de verão e inverno em língua inglesa e cursos *online* de português como língua estrangeira.

Além do PDI, o PII deixa claro as políticas e as ações necessárias para aprofundar o processo de internacionalização. Entre essas ações, está a oferta de unidades virtuais em língua estrangeira para atração de pesquisadores, professores e estudantes internacionais, além da

promoção do ensino de línguas, com destaque para o inglês. No escopo temporal desta pesquisa, ao visitar *site* da IES, na página do departamento de internacionalização, foram encontrados os seguintes editais e documentos com potencial de atrair estudantes internacionais: catálogo de disciplinas ministradas em língua estrangeira, cursos virtuais de extensão e edital de *Collaborative Online International Learning* (COIL) com universidade francesa (os editais de COIL visam o estabelecimento de parcerias para o desenvolvimento de competências digitais e interculturais, com a inclusão de aspectos internacionais ao currículo). Identificou-se, que houve oferta de unidades virtuais.

Essas informações vão ao encontro do que destaca Hudzik (2011), quando afirma que a internacionalização não se faz a partir do simples desejo de alguns gestores. Segundo ele, para que a internacionalização em casa aconteça, é necessário o envolvimento de gestores, docentes, técnicos e discentes em todo o processo.

A mobilidade virtual é uma estratégia que possibilita à IES alcançar os objetivos da internacionalização. Nesse sentido, a partir da fala dos gestores e dos documentos analisados, foi possível observar que as IES participantes mantiveram as atividades de internacionalização mesmo com as restrições impostas pela pandemia. Ainda que apenas a IES B tenha feito recepção virtual de estudantes, as duas IES viram a necessidade e a oportunidade de desenvolver a mobilidade virtual no período pandêmico.

Na sequência, para caracterizar a oferta de unidades virtuais, foi perguntado se a IES **oferece ou pretende oferecer unidades virtuais** (explicando o que são unidades virtuais dentro desta pesquisa). Os códigos esperados e encontrados estão listados no quadro 3. Na sequência é descrito o que se espera encontrar com cada código listado.

Quadro 3. Códigos esperados e códigos encontrados na IES A e na IES B – Categoria 2

Códigos esperados	Códigos encontrados na IES A	Códigos encontrados na IES B
Tipo de oferta da unidade virtual (disciplina, curso, palestra, webinar)		Webinários, cursos de extensão, disciplinas obrigatórias e disciplinas optativas
Língua de instrução da unidade virtual		Inglês, espanhol, francês, italiano e português
Duração carga horária (semanal / mensal / semestral)		Horas, trimestre, semestre
Modalidade (síncrona, assíncrona)		Síncrona, assíncrona, híbrida
Tipo de certificação (validação de créditos, registro no histórico escolar, certificado, diploma)		Validação de créditos, certificado
Público-alvo (técnico, graduação, pós-graduação)		Discentes de graduação e de pós-graduação
Público demandante (docentes, estudantes, gestão)	Instituições parceiras	Instituição parceira, departamento de internacionalização, docentes.

Fonte: elaborado pelas autoras.

O tipo de oferta da unidade virtual se refere à identificação e diferenciação da oferta, isto é, se foram: cursos de extensão, minicursos, palestras, webinários, disciplinas (obrigatórias ou optativas), entre outras. A língua de instrução verifica se a oferta foi em língua portuguesa ou em idioma estrangeiro, identificando quais idiomas. A duração da carga horária determina se a oferta teve duração semanal, mensal, semestral, dentre outras possibilidades.

Nessa perspectiva, a Modalidade de oferta da unidade virtual refere-se à identificação da atividade como síncrona, assíncrona ou híbrida. De acordo com Stallivieri, Snoeijer e Melo (2022), as atividades de internacionalização podem ser presenciais, virtuais ou híbridas e a interação pode se dar de maneira síncrona ou assíncrona. A interação síncrona acontece quando o professor e os estudantes se encontram no mesmo horário e ambiente, seja virtual, seja presencial. Já a interação assíncrona se dá quando os conteúdos ministrados pelo professor podem ser acessados pelo estudante, virtualmente ou presencialmente, em horário diverso daquele em que o conteúdo foi produzido. Para Stallivieri (2021, p. 23) a internacionalização híbrida, é definido como “processo intencional de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global nos objetivos, funções e oferta da educação pós-secundária, que se realiza tanto presencialmente como com o apoio das tecnologias digitais de informação e comunicação”.

O Tipo de certificação pretende identificar de que forma a IES certificou a unidade virtual, se por meio de validação de créditos, certificado ou registro no histórico escolar (a atividade é registrada no histórico, mas não gera créditos). O código denominado público-alvo verificou se a oferta foi realizada para estudantes de cursos técnicos, de graduação ou pós-graduação. Por fim, o código público-demandante propôs-se a investigar qual foi o público que tomou iniciativa na demanda da oferta da unidade virtual. Essa tipologia de público pode ser: a gestão da IES, o departamento de internacionalização, os professores, os técnicos, os estudantes da instituição ou instituições parceiras com as quais haja cooperação.

O gestor da IES A relatou a dificuldade em encontrar docentes para parceria de COIL quando recebem esse tipo de oferta de outros países, relatando também que não percebe iniciativa dos docentes da IES em oferecer atividades como o COIL. Segundo ele, a dificuldade na oferta não é a barreira linguística: “*A gente tem profissionais super capacitados não só pra oferecer disciplina em sua própria língua né? No português, no caso, mas também pra oferecer disciplinas em outras línguas, como espanhol e inglês*”. O gestor ainda refletiu sobre a oferta de disciplinas optativas e disciplinas curriculares, entendendo que a internacionalização em casa não se efetiva por meio da oferta de disciplinas optativas em língua estrangeira. Como consequência, ele acredita que a dificuldade em oferecer disciplinas curriculares está na carga horária dos docentes, pois a oferta em língua estrangeira e língua portuguesa gera a duplicidade de carga horária. A oferta de disciplinas optativas e de cursos de extensão seria uma opção mais viável, mas infelizmente, segundo ele, não há iniciativa de docentes para oferecer essas atividades.: Nesse sentido, a fala do gestor g1 permitiu perceber que as IES parceiras foram o público demandante para atividade de mobilidade virtual.

O gestor da IES B relatou sobre as ofertas que ocorreram, como se deu e quem foi o público demandante. Os gestores do departamento de internacionalização, no início da pandemia, perceberam que era possível e interessante gravar conteúdos e disponibilizá-los na rede, como pode ser observado na fala a seguir: “[...]a gente começou a ver que o uso de webinários [era] uma grande sacada pra promoção da internacionalização na universidade”. Na sequência, tem-se a fala do gestor, sendo destacado o compromisso e o envolvimento da IES com a internacionalização:

E aí o que que nós fizemos? Quê que a gente propôs: o professor [...] ficou dando webinários relacionados a temas relacionados à internacionalização. Então por exemplo dupla diplomação, ele dava webinário, convidava o pró-reitor de graduação, cotutela convidava a pró-reitora de pós-graduação, pra promover então o processo de internacionalização [...]”.

Tais ações relatadas pelo gestor g2 colaboram para a IES alcançar alguns dos objetivos elencados em seu PII. A IES B estabelece objetivos que permitam que a instituição desenvolva, em seus estudantes, docentes e técnicos, uma consciência internacional e intercultural. A internacionalização é almejada pela instituição, por meio da pesquisa, produção de conhecimento, cooperação internacional e da solidariedade, fortalecendo seu papel de excelência e inclusão. Foi possível observar na fala dele que a IES B aproveitou a oportunidade trazida pela pandemia.

Um fator que merece destaque na fala do gestor é que o material produzido ficou disponível nos canais da IES, permitindo assim uma melhor gestão da informação, facilitando o trabalho dos servidores do departamento. A preocupação com a organização e disponibilização das informações aos estudantes está prevista no PDI, como forma de divulgar as oportunidades e as atividades relacionadas à internacionalização da educação.

A gente recebe muito e-mail dos alunos perguntando “ai como é que faz pra estudar na [...]?” e a gente fala assim: “ó, olha o nosso webinário e depois manda um e-mail de novo”. Então é muito fantástico porque a pessoa ela consegue ver né? Uma série de informações que estavam lá e aí também facilita muito a nossa questão de trabalho, não fica gastando tempo, né? Nessa demanda que seria ali.

Ainda sobre as ofertas de unidades virtuais, o g2 relata que foi sentida a necessidade de oferecer atividades aos estudantes, enquanto se atualizava a legislação para oferta de aulas regulares *online*. Foi feita parceria com uma empresa de tecnologia educacional para que os discentes fizessem cursos de extensão pela plataforma. A experiência foi avaliada como muito positiva e a partir dela, aliada ao orçamento disponível (que não foi usado na mobilidade física), surgiu a ideia de criar os próprios cursos de extensão virtual, com apoio de outros setores da IES. Para isso, segundo o que pode ser observado na fala do gestor, foi necessário lançar edital, assim:

[...] professores que tinham interesse se candidataram e ofertaram cursos em diversas línguas. Então a gente teve curso em italiano, curso em francês, teve um curso de [...] que foi em francês, um curso de [...] que foi em italiano. Tivemos vários cursos em línguas estrangeiras: como escrever [...], foi dado em inglês e aí esse foi o primeiro, o primeiro curso né? De mobilidade, de extensão que a instituição fez e que a gente

lançou o ano passado e foi muito legal, foi um sucesso, muitos inscritos. O curso de redação científica teve muitos inscritos, foi assim muito legal.

Ainda no que tange ao PDI da instituição, ele prevê a oferta de disciplinas em inglês na graduação e na pós-graduação, contribuindo para a criação de um ambiente internacional e intercultural em todos os *campi*, promovendo assim a internacionalização em casa. Propõe também o uso de meio audiovisual para produção e divulgação das atividades de ensino, pesquisa e extensão, além da internacionalização (entre outras atividades transversais) da instituição. Além disso, o fomento a atividades de extensão que visem a internacionalização fomentando experiências em culturas e idiomas diferentes.

As unidades virtuais encontradas nos editais do *site* do departamento de internacionalização da IES B se caracterizaram quanto ao tipo como disciplinas obrigatórias, disciplinas optativas e cursos de extensão. Quanto à língua de instrução: inglês, espanhol, francês, italiano e português; quanto à duração houve oferta de cursos em horas e de disciplinas por semestre ou trimestre. Foram oferecidas unidades virtuais em modalidade síncrona, assíncrona e híbrida. O tipo de certificação encontrado foi de validação de créditos para as disciplinas obrigatórias ou optativas e certificação por meio de certificado para os cursos de extensão. O público-alvo foram os discentes de graduação e pós-graduação da IES e de universidades parceiras.

O incentivo e reconhecimento financeiro das práticas de mobilidade virtual é um fator mencionado pelo gestor, que corrobora com o que se encontra na literatura (O'Dowd, 2021; UNESCO IESALC, 2022), além da importância da estrutura tecnológica (O'Dowd, 2018; UNESCO IESALC, 2020). O gestor afirmou que os:

[...] professores receberam uma bolsa pra poder montar o curso, o curso ele está totalmente montado na plataforma virtual e ele pode ser reaproveitado. Então a ideia é que a gente agora nesse ano formule algumas coisas desses cursos e faça um relançamento. Então talvez a gente consiga dinheiro para mais novos cursos, essa é a vantagem de um curso ele está num lugar inteiro online como a plataforma virtual [...]

Os cursos foram delineados como extensão, devido à necessidade de maior regulamentação para oferta de disciplinas curriculares, a qual se deu a partir de iniciativa de outra IES, que procurou docente da IES B para que ofertasse disciplinas virtuais para estudantes de outro país. Segundo o gestor, a experiência foi positiva:

[...] não temos nenhuma experiência ainda com a mobilidade virtual na graduação como um incoming e um outgoing, vamos fazer a primeira, foi a primeira que a gente fez e deu super certo. A gente fez só com o curso da [...], funcionou muito bem, deu certo, os professores se entenderam, os alunos conseguiram fazer as disciplinas, tinham coisas ali que eram TCC, ficou um pouco complicado pra ajustar, mas no fim das contas deu certo.

O PDI da IES descreve a internacionalização da educação, especialmente no nível de graduação, tal como o gestor g2 relatou, como necessário para a contribuição na formação para o exercício da profissão num contexto de mudanças rápidas, constantes e profundas. A IES

entende a necessidade de realização de convênios internacionais, como o descrito pelo gestor g2, para se desenvolver competências globais e interculturais. Os acordos de cooperação e as experiências de integração de currículo, incluindo dupla diplomação, são ações previstas no PII da IES B.

Outras oportunidades de mobilidade virtual foram de envio de estudantes. Embora não seja o foco da pesquisa, é possível visualizar o comprometimento de vários setores da IES com a internacionalização, conforme previsto em seu PDI.

É preciso destacar os fatores que contribuíram e que dificultaram a oferta das unidades virtuais, de acordo com a percepção dos gestores. Para isso, a pergunta realizada foi: **quais são e como você avalia os facilitadores e os dificultadores na oferta de unidades virtuais**. Os códigos esperados e encontrados estão elencados no quadro 4.

Quadro 4. Códigos esperados e códigos encontrados na IES A e na IES B – categoria 3

Códigos esperados	Códigos encontrados na IES A	Códigos encontrados na IES B
Legislação		X
Estrutura tecnológica (<i>hardware</i> e internet)		X
Posicionamento institucional (resistência, suporte)	X	X
Disponibilidade de recursos (humanos, financeiros, infraestrutura)	X	X
Estigma como atividade inferior	X	
Habilidades digitais (por parte dos docentes e por parte dos estudantes)		X
Diferença no fuso horário		
Domínio de línguas	X	

Fonte: elaborado pelas autoras.

O gestor g1 já havia mencionado a respeito do domínio de línguas, de modo a entender que essa não é uma barreira que inviabiliza a oferta, visto que a IES conta com muitos servidores que dominam outros idiomas. A barreira linguística mencionada se refere à dificuldade em oferecer cursos de português para atrair estudantes estrangeiros.

Embora o domínio de línguas não tenha sido identificado como uma barreira (UNESCO IESALC, 2021), a falta de apoio institucional pode ser identificada como uma dificuldade ao desenvolvimento das atividades de internacionalização (O'Dowd, 2018). O gestor g1 mencionou a dificuldade de disponibilizar carga horária para que os docentes ofereçam unidades virtuais, o que corrobora com a literatura sobre o posicionamento institucional claro e intencional para o desenvolvimento da internacionalização (De Wit *et al.*, 2015). Embora o PDI mencione a importância e tenha objetivo e metas estratégicas relacionadas à internacionalização, os achados desta pesquisa permitem concluir que a internacionalização não está disseminada de modo abrangente entre os diversos públicos da IES (Hudzik, 2011).

Tal como relatou o gestor g1, a literatura mostra que a oferta de disciplinas optativas em língua estrangeira não é suficiente para o desenvolvimento da internacionalização em casa (De Wit, 2013; Beelen; Jones, 2015; Barata, 2019; Leask, 2020), mas sim uma entre outras atividades que podem ser desenvolvidas. Basear a internacionalização em casa na oferta de disciplinas optativas mantém a desigualdade de acesso, pois é uma atividade que atrai na maior parte estudantes que já estão predispostos à internacionalização (Barata, 2019).

O gestor g1 mencionou a possibilidade de participação em edital de apoio, a nível nacional, para seleção de IES para oferta de curso de língua portuguesa para estrangeiros. A participação ficou inviável devido à necessidade de disponibilizar carga horária e/ou bolsa para os servidores que estariam à frente do curso. A oportunidade, oferecida a 37 IES, teve poucas contempladas, segundo o gestor g1:

[...] apenas seis ou sete conseguiram de fato oferecer o curso. Por questão de não ter o professor de português com carga horária pra dar esse curso, pra mais essa demanda. Então eu vejo que essa questão de carga horária é complicada tanto para o professor que quer dar disciplina para o outro estudante, para o parceiro internacional, tanto quanto para os professores de português que precisam capacitar os alunos que vem pra cá, virtualmente ou presencialmente, né? Isso aí é bem complicado.

O PDI da IES A não faz menção direta à oferta de cursos de línguas estrangeiras ou de português para estrangeiros, embora uma de suas iniciativas estratégicas seja aumentar a visibilidade da IES (o que seria possível por meio da atração de estudantes estrangeiros) e o objetivo estratégico relacionado à internacionalização coloque a IES como comprometida com a aproximação de culturas e cooperação em prol do progresso científico, cultural, econômico e tecnológico entre os povos. Embora a IES pretenda consolidar a internacionalização por meio das políticas e práticas do corpo docente, a dificuldade em disponibilizar docente para a oferta de curso de língua portuguesa para estrangeiros, comprometendo o alcance deste objetivo estratégico. O gestor ainda relatou o limitador financeiro como um dificultador. Segundo ele, o edital mencionado possibilitava pagar bolsas para contratação de docentes. Apesar da tentativa, não conseguiu recurso na IES para oferecer o curso de português para estrangeiros. O gestor g1 conclui essa fala afirmando a dificuldade: “Então, é assim, a internacionalização é uma coisa interessante, né? Porque todo mundo quando a gente fala, não, é importante, é importante, mas na hora do vamos ver, bem complicado”.

O objetivo estratégico previsto no PDI da IES A pressupõe a incorporação da internacionalização aos processos da instituição de forma abrangente, transversal e articulada, coerente com uma postura moderna amparada na literatura, que prevê a intencionalidade (De Wit *et al.*, 2015) e a transversalidade (Hudzik, 2011) para o seu sucesso. Se a IES envidar esforços para concretizar essa intenção, especialmente, elaborando e implementando a política de internacionalização e desenhando os processos que a envolvem, conforme prevê no PDI, estará mais próxima de alcançar seu objetivo.

Quanto à estrutura tecnológica, as habilidades digitais e o preparo para interação no ambiente virtual, o gestor g2 pontuou como dificultadores para a oferta de unidades virtuais,

principalmente, no que diz respeito à “[...] *ter uma internet boa, ter uma câmera boa, um microfone bom, conseguir se organizar, em trabalhar em casa...*”. Ainda tem a questão da manutenção da rotina e foco nos estudos, quando no meio virtual. Nesse sentido, ele destaca que:

*A capacidade de você manter o foco, ela é muito reduzida no meio virtual, né? Eu não sei onde eu li, que é tipo sete minutos, uma aula normal é trinta minutos, uma aula presencial, e no virtual é sete [...]. Então é muito pequena, no virtual é muito fácil você perder o foco. Eu senti, **no modo virtual você tem uma exaustão mental muito maior e uma perda de foco muito grande.***

Portanto, a tecnologia é vista como um dificultador e como um facilitador, visto que as pessoas tiveram que se adaptar a essa nova realidade. Ademais, esse foi o meio que oportunizou as pessoas que não teriam condição de realizar mobilidade física, a vivenciar uma experiência internacional, de modo virtual. Em seguida, o gestor relata os benefícios de quem participa de uma experiência internacional virtual:

Inclusive essa troca cultural e acadêmica, que eles não tinham essa capacidade de fazer isso antes. Porque não tinha como, não tinha condição financeira mesmo. Então isso foi um ganho também muito positivo, foi um facilitador então a internet nesse sentido.

O PDI da IES B elenca sete áreas transversais, entre elas a inclusão e a sustentabilidade, além da internacionalização já mencionada. A fala do gestor g2 reflete a construção do PDI e a transversalidade dos temas que perpassam as áreas fins da IES. Observa-se que a fala do gestor vai ao encontro do que está posto no PDI, pois ao abordar sobre internacionalização encontram-se elementos relacionados ao ensino, à sustentabilidade e à inclusão social. Segundo a literatura, a inclusão social, a equidade e a sustentabilidade ambiental são vantagens apresentadas ao pontuar a mobilidade virtual como uma forma eficiente de desenvolver a internacionalização da educação (UNESCO IESALC, 2022). A mobilidade virtual passa a ser uma entre outras opções de mobilidade dentro de uma estratégia de internacionalização voltada para o futuro, comprometida com a inclusão e com a sustentabilidade (UNESCO IESALC, 2022).

Nesse sentido, o gestor g2 reflete sobre a importância e a necessidade de que as atividades virtuais sejam mantidas após o período pandêmico:

Eu acho que isso tem que continuar sendo uma política pra gente investir porque não são todos os alunos que têm essa condição, de fazer um intercâmbio, fazer uma mobilidade presencial. Eu não sei como, unidade virtual não tem o mesmo impacto do que a mobilidade presencial. Presencial você tem muito mais a cultura, o dia a dia só está lá, mas é uma forma da gente tentar amenizar essa disparidade e conseguir também dar condições pra quem não tem essas possibilidades.

O gestor g2 quando questionado sobre o **público demandante das iniciativas, se os docentes tomaram a iniciativa e se aderiram bem ao novo formato**, relatou que houve aqueles que se motivaram com a novidade e tomaram a iniciativa em propor unidades virtuais,

bem como, os que resistiram e tiveram dificuldades em se adaptar, principalmente, devido às dificuldades em relação à tecnologia:

[...] não conseguiam usar o sistema, tinham dificuldade de usar a plataforma virtual, tinham dificuldades em, por exemplo, aconteceu muito em palestras assim que a gente deu e webinários... e não é só com professor não, com palestrante mesmo... as pessoas não sabem, elas não sabem compartilhar tela, elas não conseguiam compartilhar os documentos, travava, soltava som, vinha ruído... então as pessoas tinham uma dificuldade.

Percebe-se que a alfabetização digital é um dos desafios para o sucesso na implementação da mobilidade virtual (UNESCO IESALC, 2022). Para vencer esse desafio, a instituição deve oferecer capacitações para o desenvolvimento de habilidades digitais, para aprender a interagir em ambiente virtual e desenvolver habilidades interculturais, sabendo agir diante de culturas distintas dentro de sala de aula. Além da alfabetização digital, outro aspecto que reflete em questões como a manutenção do foco dos estudantes, é o equilíbrio entre atividades formais e atividades de interação (UNESCO IESALC, 2021). A mobilidade virtual não deve ser concebida como réplica da mobilidade física. As estratégias incluem equilíbrio entre atividade síncrona e assíncrona, limite de fuso de 6 a 7 horas, e inclusão de atividades culturais (UNESCO IESALC, 2022).

Assim, foi possível identificar na fala do gestor que a burocracia, devido à legislação, dificultou a criação de mais oportunidades. No PDI, essa percepção é observada em um dos objetivos relacionados ao ensino. A IES prevê como iniciativa estratégica o apoio e a simplificação do processo de mobilidade acadêmica, entre outras atividades que contribuíssem para aumentar a visibilidade da IES e a sua inserção internacional.

De acordo com os dados encontrados na pesquisa, as dificuldades encontradas pelas IES federais de Santa Catarina foram a falta de suporte institucional, refletida na pouca disponibilidade de recursos humanos e financeiros, o estigma da mobilidade virtual como atividade inferior à mobilidade física, a dificuldade de discentes, palestrantes e docentes com a estrutura tecnológica e com as habilidades digitais, o que inclui o preparo para interação em ambiente virtual. Os facilitadores apontados pelos gestores foram: a estrutura tecnológica, o apoio institucional (na IES que conseguiu desenvolver unidades virtuais), a disponibilidade de recursos e o domínio de línguas.

Na última etapa da entrevista, as perguntas buscavam entender se **existem mecanismos de avaliação das unidades ofertadas e como o processo pode ser melhorado, na percepção do gestor**. Os códigos esperados e os códigos encontrados nas duas IES são apresentados no quadro 5.

Quadro 5. Códigos esperados e códigos encontrados na IES A e na IES B – Categoria 4

Códigos esperados	Códigos encontrados na IES A	Códigos encontrados na IES B
Integração ao currículo		
Equilíbrio entre atividade síncrona e assíncrona		X
Equilíbrio entre atividades formais e de interação		X
Preparo para interação em ambiente virtual		X
Estabelecimento de parcerias	X	X
Suporte do setor de internacionalização	X	X
Mecanismos de diagnóstico de oferta das unidades virtuais		
Mecanismos de monitoramento		X
Mecanismos de avaliação		X

Fonte: elaborado pelas autoras.

Como na IES A não teve oferta de unidades virtuais, a pergunta ficou em aberto para que o gestor pudesse se manifestar sobre o processo de internacionalização. O gestor g1 mencionou a importância e o seu interesse, em promover eventos que disseminem a internacionalização na IES, principalmente despertando nos docentes a importância de seu próprio papel nesse processo:

A gente escutar o que que o aluno quer, os próprios professores também, como eu te falei, muitas vezes eles nem sabem que podem propor uma ação. Às vezes acham que eles têm que esperar vir da reitoria. Então, eu acho que um evento desse tipo, algo que fosse periódico, a gente consegue esclarecer essas questões e deixar o pessoal mais seguro pra fazer as suas propostas.

A importância do comprometimento dos professores é amplamente trazida pela literatura, como Knight e De Wit (1995), ao mencionarem a necessidade de envolvimento de uma massa crítica de docentes e técnicos. O papel do docente é primordial para o sucesso da internacionalização, seja virtual, seja presencial.

Ainda em relação aos dificultadores para a internacionalização de modo geral e o que pode ser melhorado no processo, esse mesmo gestor mencionou a dificuldade para se divulgar oportunidades que são oferecidas externamente, pois a prática e a cultura na instituição é de divulgar apenas os editais internos.

Se é de uma oportunidade externa, [...] a gente não pode divulgar. [...] A gente tá tentando mudar agora também, mas a passos bem pequenos porque já está muito sedimentada essa cultura de não divulgar. Isso é uma pena, né? Porque às vezes vem coisas maravilhosas de fora e a gente não pode divulgar, o aluno não fica sabendo ou ficam só poucos alunos sabendo. Então eu acho que uma melhoria seria essa.

A fala do g1 é coerente com a literatura, já que, a divulgação ampla e institucionalizada vai além de apenas apresentar as oportunidades e o que o departamento de internacionalização ou os docentes estão fazendo (Knight; De Wit, 1995). O compromisso de toda a instituição com o processo de internacionalização fica evidenciado quando cada servidor sabe a contribuição

que seu trabalho traz para que a instituição atinja as metas de internacionalização. No entanto, para que essas metas possam ser alcançadas, elas devem necessariamente estar claras no PDI e no PII da instituição. É necessário que o PDI trace o papel de cada indivíduo e de cada setor, para que todos entendam como o seu trabalho contribui para o processo de internacionalização e qual a importância desse alcance.

O gestor g1 concluiu enfatizando a importância de valorização do ensino de línguas e do papel do docente, principalmente do docente de línguas estrangeiras:

[...] eu lembro que como professora, qualquer ação que eu faria que promovia a internacionalização, ela logo era cortada quando havia algum problema de carga horária curricular. Então assim: um professor que se afastava, um colega que adoecia, uma licença maternidade que não dava tempo de contratar o substituto... corta esse projeto e vai pegar as aulas do colega [...].

E acrescenta:

Eles sempre se sentem desvalorizados como área de língua estrangeira, a gente tá até hoje lutando aí pra fazer o centro de línguas e isso é básico pra ter internacionalização, seja em casa, seja a tradicional e... e as coisas parece que não andam, né? Enfim, eu acho que tem que ter essa conversa e a escuta também pra esses profissionais de línguas, valorização e é isso, acho que basicamente é isso.

As estratégias traçadas por Knight e De Wit (1995) e O'Dowd (2021) falam da necessidade de estabelecer mecanismos concretos ou simbólicos de reconhecer e premiar os servidores que se envolvem com a internacionalização e mobilidade virtual.

O gestor g2 relatou os mecanismos de avaliação utilizados para monitorar a qualidade e a aprovação das ofertas. O departamento possui um documento interno com metas e indicadores para acompanhar a avaliação, entre os quais: contagem de visualizações, tempo *online*, número de inscritos, comentários, número de curtidas. As unidades disponibilizadas como curso de extensão foram avaliadas por meio de formulário de autoavaliação ao final do curso, respondido por estudantes, docentes e monitores. Com os indicadores, o departamento pode fazer a avaliação das ofertas:

Então pra gente conseguir ter essa avaliação de como foi o curso né? Ou seja, o que que a gente tem que melhorar, o que que a gente tem que mudar para as próximas edições. Se teve adesão, não teve muita adesão, se teve muito inscrito, mas poucas pessoas concluíram. Então todos esses índices a gente graças a Deus a gente tinha, então a gente tem e isso permitiu a gente conseguir ter uma ideia boa né? Uma ideia boa sobre, se isso funcionou, o que funcionou e o que não funcionou. Como evoluir a partir daí, né?

Questionado sobre o que pode ser melhorado, g2 respondeu os seguintes pontos: melhorar o material didático, diminuir o tempo de duração das aulas e dos cursos. A percepção do gestor g2 é de oferecer mais cursos, com menor duração:

Nem que você faça mais cursos, quinze cursos, mais cursos, mas em módulos pequenos que finalizam, o aluno consegue finalizar aquilo, sabe? Aquele módulo.

Porque quando a gente faz uma coisa muito grande, você vê que existe uma desistência muito grande. Entra muito, sai pouco, né?

A avaliação e monitoramento constante é pontuada por UNESCO IESALC (2021). Entre os pontos abordados por O'Dowd (2021) que podem reduzir o problema apontado pelo gestor g2 está a necessidade de balancear atividades síncronas em vídeo com atividades assíncronas baseadas em texto, além do equilíbrio entre atividades formais sobre o conteúdo proposto e atividades de interação entre os estudantes. Necessário pontuar a importância do preparo, de docentes e estudantes, para a comunicação em meio digital intercultural, selecionando tópicos que propiciem a interação em profundidade, evitando cair em superficialidades (O'Dowd, 2021).

Assim como o gestor g1, o gestor g2 também citou a comunicação como um dificultador a ser melhorado, ampliando a divulgação das ofertas para a comunidade. Uma das razões, que dificulta a comunicação, é a urgência na resposta a demandas. Knight e De Wit (1995) elencam a existência de canais formais de comunicação como uma das atividades necessárias para o processo de internacionalização da educação.

G2 pontuou como positivo o alcance das unidades virtuais, pois sendo uma IES multi *campi*, havia dificuldades de proporcionar as atividades a todos os *campi*.

A gente passa a ter isso em todos os campi, a gente consegue acessar, consegue chegar em todos esses alunos, em todas essas unidades. Então também foi uma vantagem quanto a isso. A gente chegou a fazer a recepção dos alunos, lembrei mais um, a gente fez a recepção dos alunos virtuais de forma virtual também. E ela foi completamente diferente da mobilidade, da recepção que a gente faz presencial. Porque ela teve que ser super é, a gente teve que reduzir ela, fez bem mais curta, bem mais rápida... de novo pela questão da concentração dos alunos, eles manter o foco. A gente também conseguiu fazer e foi bem legal, foi bem interessante, a gente fez uma recepção virtual.

Ao concluir sua fala, o gestor g2 relembra dificuldades enfrentadas com a mobilidade virtual, principalmente em relação ao fechamento das fronteiras e em relação ao preconceito que a mobilidade virtual tinha em relação à presencial:

E no início você via uma desconfiança talvez seja a palavra, quanto ao uso da ferramenta virtual. As pessoas têm um preconceito que EAD é aqueles cursos meio... meio xexelento... então e demorou um pouco pra gente conseguir criar uma cultura de que isso era uma realidade, era uma realidade boa, era uma realidade positiva e as pessoas né... de novo, uma construção. E hoje as pessoas começaram a ver o EAD de uma maneira um pouco mais, um pouco mais... menos preconceituosa, um pouquinho mais dando um pouco mais de valor ao EAD, por exemplo.

Corroborando a teoria (Stallivieri; Snoeijer; Melo, 2022), g2 entende a iniciativa virtual como positiva, mas não como substituta da mobilidade física:

Então teve várias coisas muito bacanas que as pessoas fizeram, alunos que foram pra vários lugares, fizeram coisas muito bacanas. É uma ferramenta que é assim muito positiva, mas ao mesmo tempo que é muito positiva, a gente não pode achar que ela é igual ao presencial. Elas não são iguais. Porque presencial é uma outra dinâmica,

uma outra dinâmica comportamental. Eu acho que aí vai muito dessa dinâmica comportamental mesmo do ser humano, mas eu acho que é uma ferramenta extremamente importante e acho que é uma ferramenta que não vai parar, se depender de nós a gente pretende manter essas políticas.

A análise documental permite afirmar que a IES B está consciente de que precisa ter objetivos claros, estratégias e plano de ação atualizados. Outra ação prevista no PII é a oferta de disciplinas em inglês, promovidas pelos próprios cursos para atrair estudantes internacionais e promover assim a internacionalização em casa, promovendo um ambiente internacional e intercultural.

A partir dos dados obtidos, é possível apresentar uma proposta de ações de gestão para aperfeiçoamento da oferta de unidades virtuais. A internacionalização da educação superior no Brasil se confunde com a prática de mobilidade física (Knight, 2020; Stallivieri, 2017), a qual é restrita a poucas pessoas, devido ao seu alto custo. Uma IES que pretende ser inclusiva não pode limitar suas estratégias de internacionalização à mobilidade física (De Wit; Jones, 2022). Ainda que fosse possível estender essa prática para todos os estudantes da IES, não se pode ignorar que existem aqueles que não conseguiriam viajar devido às limitações de ordem pessoal, como necessidade de trabalhar, de cuidar de algum familiar ou alguma deficiência que dificulte a viagem e a estadia em um país desconhecido (UNESCO IESALC, 2022). Esse aspecto, aliado ao impacto ambiental de uma grande massa de estudantes viajando de ônibus ou avião, também é outro fator que permite afirmar que a mobilidade física é uma prática não sustentável sob diversos aspectos (econômicos, sociais e ambientais).

A mobilidade virtual, portanto, é uma prática que tem potencial de contribuir na internacionalização em casa. Se for realizada como uma prática isolada, desconectada de outras ações e, principalmente, desarticulada dos documentos norteadores da instituição, como PDI e PII, ela não agregará positivamente na internacionalização em casa. É necessário desenvolver ações que capacitem e encorajem os acadêmicos a interagir com pessoas de outros contextos culturais e geográficos (Nilson, 2000). Para que a mobilidade virtual receptora contribua de fato para o alcance dos benefícios da internacionalização em casa, é necessário que alguns aspectos sejam observados, conforme ilustrado na figura 1.

Figura 1. Ações de gestão para aperfeiçoamento da oferta de unidades virtuais



Fonte: elaborado pelas autoras.

É fundamental, o compromisso e o apoio dos gestores da instituição. Indo além, urge a existência de políticas públicas claras que tornem a internacionalização uma política de estado e não de governo, para que as ações realizadas tenham continuidade e se tornem menos influenciáveis pelas transições de governo ou de gestão da IES. Um dos limitadores da pesquisa foi a troca de gestores designada pelo governo federal. Das quatro IES que compunham o escopo da pesquisa, duas delas foram geridas por reitores *pro-tempore* no período delimitado para pesquisa. Nesse sentido, foi possível observar que as ações dos gestores locais ficaram comprometidas pela descontinuidade de ações provocada pela troca sucessiva de gestores e equipes num curto período. O compromisso de gestores, especialmente da alta gestão, dará impulso ao ciclo de internacionalização (Knight, 1994), iniciando pela conscientização, passando pelo compromisso, planejamento, operacionalização, revisão e reforço das ações de internacionalização, na qual se inclui a mobilidade virtual receptora.

O desenvolvimento de documentos norteadores, em que a internacionalização seja uma perspectiva percebida nas ações e nas funções da IES (ensino, pesquisa, extensão e gestão), aliado ao compromisso dos gestores, são a base das demais ações. Ademais, foi observado que a IES que tinha a internacionalização descrita em seu PDI de modo transversal, o PII com políticas e ações delineadas, o departamento de internacionalização autônomo e com equipe à disposição, foi a IES que conseguiu desenvolver diversas ações de internacionalização, inclusive a oferta de unidades virtuais. Além da dimensão internacional necessária no PDI, o PII é um documento fundamental para a instituição desenvolver a internacionalização em casa.

O apoio e compromisso dos gestores, aliado à existência do PII, são etapas necessárias para o estabelecimento de parcerias. Acordos de cooperação com outras instituições, bem como parcerias para apoio tecnológico (UNESCO IESALC, 2021), carecem de critérios preestabelecidos, de acordo com os objetivos da IES com a internacionalização, como o

estabelecimento de parcerias de políticas linguísticas em países de interesse, por exemplo (De Wit; Wang, 2022).

A existência do departamento de internacionalização dotado de recursos humanos, financeiros e tecnológicos, com capacitação ou possibilidade de capacitar seus servidores e autonomia necessária para propor e implementar ações é uma das medidas básicas para o desenvolvimento da internacionalização. Entre as ações que o departamento pode implementar está a disponibilização de formulário para coleta de informações sobre os servidores que têm experiência ou interesse em oferecer unidades virtuais. O trabalho entre departamento de internacionalização, docentes e técnicos precisa ser favorecido pelas ferramentas de comunicação, já que o processo de internacionalização depende do trabalho conjunto de todos esses grupos.

A criação de centro de línguas, que possa fomentar e disponibilizar cursos de línguas com perspectiva internacional, é uma ação que contribui para o fomento da internacionalização no geral e para a internacionalização em casa. Além disso, ajuda a fortalecer o papel do docente de línguas, especialmente, no contexto de instituições multi *campi* como são as universidades e os IFs no Brasil.

O sucesso da mobilidade virtual e da internacionalização em casa, inclui o envolvimento dos professores e técnicos, os quais devem ser estimulados por meio de ações concretas ou simbólicas. Reconhecer esse trabalho por meio de bolsas para o desenvolvimento de oferta de unidades virtuais ou por meio de critério de avaliação de desempenho, a qual é requisito para progressão na carreira, são ações possíveis de serem concretizadas em instituições públicas ou privadas. Como possibilidade de estudos futuros, pode-se buscar num conjunto de IES quais delas utilizam critérios relacionados à internacionalização e à mobilidade virtual para avaliar seus servidores.

Uma ação que vale destaque é quanto à capacitação técnica e comportamental dos servidores que vão atuar num ambiente internacionalizado e digital. A capacitação técnica diz respeito ao uso de ferramentas tecnológicas (equipamentos, programas, aplicativos e plataformas) necessárias para a interação virtual. A capacitação comportamental inclui habilidades interculturais, visto que diferenças culturais existirão e, se bem trabalhadas, agregam ganhos e benefícios. Se forem ignoradas ou malconduzidas, podem comprometer significativamente o resultado da atividade.

Outra demanda de capacitação é sobre a interação no meio virtual, ciente de que difere do presencial e que existe um modo de se portar no espaço digital para que as interações e o aprendizado sejam efetivos. A necessidade de equilíbrio na oferta de atividades síncronas e assíncronas e na oferta de atividades formais e atividades que promovam a interação do grupo (O'Dowd, 2021) são itens que não podem passar despercebidos na oferta de unidades virtuais, pois a mobilidade virtual não é o mero repasse do ambiente físico para o virtual (UNESCO IESALC, 2022).

Para que tais ações aconteçam, é necessário planejamento de recursos para a internacionalização, incluindo a mobilidade virtual. A mobilidade virtual gera menos custos do que a presencial, porém não é isenta de custos, visto que demanda recursos tecnológicos e humanos para ser implementada e executada. É necessário considerar que esse custo vai gerar benefício a uma grande parcela de estudantes e não a poucos que conseguiriam fazer uma mobilidade presencial.

4 Conclusão

Essa pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de analisar o desenvolvimento da internacionalização em casa por meio da mobilidade virtual nas IES federais de Santa Catarina. Ao estudar o caso de duas IES federais sediadas no estado, que estavam com restrições na prática da mobilidade física devido à pandemia da COVID-19, foi possível perceber que a mobilidade virtual foi uma das práticas realizadas pelas IES para que a internacionalização pudesse ser mantida nas instituições.

Embora apenas uma das IES tenha praticado a mobilidade virtual receptora, a análise dos documentos e das entrevistas observou-se que as duas IES mantiveram a internacionalização por meio de atividades virtuais, tais como: mobilidade receptora, mobilidade de envio, parcerias internacionais, cursos de idiomas, cursos de extensão, uso de mídias sociais e eventos de recepção de intercambistas.

A pesquisa foi executada a partir da análise documental e da percepção dos gestores dos departamentos de internacionalização. No entanto, é relevante investigar a mobilidade virtual a partir da percepção dos gestores da pós-graduação, pois a pós-graduação e a pesquisa são essencialmente internacionalizadas (Knight; De Wit, 1995). Os resultados obtidos permitem afirmar que a pesquisa pode ser replicada com outras delimitações, como de escopo geográfico. A pesquisa apontou que o domínio de línguas não é considerado uma barreira, sob o ponto de vista de que muitos servidores dominam um segundo idioma. Tal achado desperta a possibilidade de investigar o domínio de línguas dentro das IES. Para pensar em oferta de unidades virtuais, o primeiro passo a ser tomado pode ser o levantamento de dados identificando os idiomas que os servidores falam, para então traçar estratégias de cooperação com países e instituições que falem esse idioma.

Outro achado interessante e que carece de continuidade na pesquisa é quanto ao interesse dos estudantes pela mobilidade virtual, uma vez que o escopo temporal desta pesquisa foi justamente o período em que a mobilidade presencial não era possível de ser praticada. Novas pesquisas podem ser conduzidas para verificar se a oferta, por parte das IES, e se a procura por essa oferta, por parte dos estudantes, se mantém, em razão dos efeitos da retomada da mobilidade presencial.

A realização desta pesquisa tem uma contribuição de aspecto social, ao apontar a necessidade de estudo, discussão e encaminhamentos que tenham o objetivo de propor

alternativas socialmente responsáveis, fazendo a internacionalização da educação alcançar estudantes de contextos econômicos desfavoráveis, assim como estudantes que não podem viajar devido a responsabilidades familiares e estudantes com deficiência. O debate sobre o impacto ambiental da mobilidade presencial precisa ser ampliado, dimensionando esse impacto quando se fala dos pontos positivos e pontos negativos da mobilidade presencial e da mobilidade virtual.

A contribuição teórica desta pesquisa faz avançar o conhecimento da área, na medida em que traz dados a respeito da virtualização da internacionalização, mais especificamente sobre a possibilidade de se oferecer unidades virtuais e a partir disso ampliar e fortalecer a internacionalização em casa nas instituições.

Por fim, é possível vislumbrar a contribuição de cunho prático, visto que a pesquisa contribui para a gestão universitária ao elencar ações que podem ser desenvolvidas pelas instituições de ensino para implementar e desenvolver a oferta de unidades virtuais, tornando possível o desenvolvimento da internacionalização em casa.

Referências

BARATA, Maria João. A Internacionalização do ensino superior: da mobilidade de pessoas à internacionalização do currículo. **Interações: Sociedade e as novas modernidades**, 2019.

Disponível em: <https://doi.org/10.31211/interacoes.n37.2019.e1>. Acesso em: 22 set. 2021.

BARBOSA, Marcelo Werneck; FERREIRA LOPES, Luana. Emerging trends in telecollaboration and virtual exchange: a bibliometric study. **Educational Review**, 2021.

Disponível em: <https://doi-rg.ez46.periodicos.capes.gov.br/10.1080/00131911.2021.1907314>. Acesso em: 14 out. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. ISBN: 8502003089

BEELLEN, Jos; JONES, Elspeth. Redefining internationalization at home. *In*: CURAJ, Adrian; MATEI, Liviu; PRICOPIE, Remus; SALMI, Jamil; SCOTT, Peter. **The European higher education area: Between critical reflections and future policies**. Springer, Cham, 2015. p. 59-72.

BRUHN, Elisa. Towards a framework for virtual internationalization. **European distance and e-learning network (EDEN) conference proceedings**, 2016. p. 1-9. Disponível em: <https://www.cceol.com/search/article-detail?id=846984>. Acesso em: 15 out. 2021.

CAPES. **A internacionalização na universidade brasileira: resultados do questionário aplicado pela Capes**. 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/a-internacionalizacao-nas-ies-brasileiras-pdf>. Acesso em: 15 out. 2021.

CHILDRESS, Lisa K. Internationalization plans for higher education institutions. **Journal of studies in international education**, v. 13, n. 3, p. 289-309, 2009. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/200763155_Internationalization_Plans_for_Higher_Education_Institutions. Acesso em: 15 out. 2021.

DE MIRANDA, José Antunes; STALLIVIERI, Luciane. Para uma política pública de internacionalização para o ensino superior no Brasil. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 22, n. 3, p. 589-613, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772017000300002>. Acesso em 10 out. 2019.

DE WIT, Hans. Globalización e internacionalización de la educación superior. **RUSC. Universities and Knowledge Society Journal**, v. 8, n. 2, p. 77-84, 2011. Disponível em: <https://educationaltechnologyjournal.springeropen.com/track/pdf/10.7238/rusc.v8i2.1247.pdf>. Acesso em: 12 out. 2021.

DE WIT, Hans. Internationalisation of higher education, an introduction on the why, how and what. **An introduction to higher education internationalisation**, p. 13-46, 2013. ISBN: 9788834324813

DE WIT, Hans; HUNTER, Fiona; COELEN, Robert. Internationalisation of higher education in Europe: future directions. In: **Internationalisation of higher education: study**. European Union: European Parliament's Committee on Culture and Education, 2015. DOI:10.1007/978-94-6351-161-2_6

DE WIT, Hans; JONES, Elspeth. A new view of internationalization: from a western, competitive paradigm to a global cooperative strategy. **Journal of Higher Education Policy and Leadership Studies**, v. 3, n. 1, p. 142-152, 2022. Disponível em: <https://johepal.com/article-1-192-en.html>. Acesso em: 10 out. 2019.

DE WIT, Hans; WANG, Lizhou. International students in non-anglophone countries: challenges and opportunities. **International Higher Education**, n. 111, p. 13-15, 11 Jul. 2022. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/15327>. Acesso em: 31 jan. 2023.

FINARDI, Kyria Rebeca; GUIMARAES, Felipe Furtado. Internationalization and the covid-19 pandemic: challenges and opportunities for the global south. **Journal of Education, Teaching and Social Studies**, v. 2, n. 4, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://hcommons.org/deposits/item/hc:32523>. Acesso em: 12 out. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. ISBN 85-224-3169-8. 1.

HUDZIK, John K. **Comprehensive internationalization: from concept to action**. NAFSA: Association of International Educators. Washington, 2011. Disponível em: <http://hdl.voced.edu.au/10707/299464>. Acesso em: 05 out. 2021

INEP. **Sinopse estatística da educação superior 2019**. Brasília: Inep, 2020. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>. Acesso em: 04 06.2021

KNIGHT, Jane. Internationalization: elements and checkpoints. **CBIE Research No. 7**, Canadá, 1994. ISBN: 0-920496-84-9

KNIGHT, Jane; DE WIT, Hans. Strategies for internationalisation of higher education: a comparative study of Australia, Canada, Europe and the United States of America. *In:* DE WIT, Hans. **Internationalization of higher education in the United States of America and Europe: A historical, comparative, and conceptual analysis**. Amsterdam: European Association for International Education, 1995. ISBN 0313320756

KNIGHT, Jane. Updated definition of internationalization. **International higher education**, n. 33, 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/248809738_Updated_Internationalization_Definition. Acesso em: 05 jul. 2021

KNIGHT, Jane. **Internacionalização da educação superior: conceitos, tendências e desafios**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2020. ISBN: 978-65-86578-51-5

LEASK, Betty. Embracing the possibilities of disruption. **Higher Education Research & Development**, v. 39, n. 7, p. 1388-1391, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07294360.2020.1824211>. Acesso em: 05 jul. 2021.

MARINONI, Giorgio; VAN'T LAND, Hilligje; JENSEN, Trine. The impact of covid-19 on higher education around the world. **IAU Global Survey Report**, 2020. Disponível em: https://www.iau-aiu.net/IMG/pdf/iau_covid19_and_he_survey_report_final_may_2020.pdf. Acesso em: 08 out. 2021.

NILSSON, Bengt. Internationalizing the curriculum. *In.*: JORIS, Michael *et al.* **Internationalisation at home: a position paper**. Amsterdam: European Association for International Education, 2000. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.123.3826&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 26 jul. 2021.

O'DOWD, Robert. Emerging trends and new directions in telecollaborative learning. **Calico journal**, v. 33, n. 3, p. 291-310, 2016. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/90014362>. Acesso em: 02 mar. 2021.

O'DOWD, Robert. From telecollaboration to virtual exchange: state-of-the-art and the role of UNICollaboration in moving forward. **Research-publishing.net**, v. 1, p. 1-23, 2018. Disponível em: <https://journal.unicollaboration.org/article/view/35567>. Acesso em: 09 ago. 2021.

O'DOWD, Robert. Virtual exchange: moving forward into the next decade. **Computer Assisted Language Learning**, p. 209-224, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09588221.2021.1902201>. Acesso em: 09 ago. 2021.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de Estágio e de Pesquisa em Administração**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

RUBIN, Jon. The collaborative online international learning network: online intercultural exchange in the State University of New York Network of Universities. *In:* O'DOWD, Robert; LEWIS, Tim. **Online intercultural exchange: policy, pedagogy, practice**. Routledge, 2016.

p. 277-284. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/QmsLLQHkxcX6KYPDwVvW6vv/?lang=en>. Acesso em: 15 nov. 2019.

STALLIVIERI, Luciane. **Internacionalização e intercâmbio**: dimensões e perspectivas. Curitiba: Appris, 2017.

STALLIVIERI, Luciane. Making the case for responsible internationalisation. **University World News**, 2019. Disponível em:

<https://www.universityworldnews.com/post.php?story=20190829092237117>. Acesso em: 15 nov. 2019.

STALLIVIERI, Luciane; VIANNA, Cleberson Tabajara. Responsible internationalization: new paradigms for cooperation between higher education institutions. **REGIT: Revista de Estudos de Gestão, Informação e Tecnologia**, Itaquaquecetuba, v.14, n.2, -9-30, jul/dez 2020.

Disponível em:

<http://ric-cps.eastus2.cloudapp.azure.com/handle/123456789/4824>. Acesso em: 28 out. 2021.

STALLIVIERI, Luciane. **Internacionalización disruptiva**. XI Asamblea virtual de rectores/ras y directivos 2021. Argentina, 03nov2021. Slides. Acesso em: 04 nov. 2021.

STALLIVIERI, Luciane. 20 years of internationalization: reimagining the future of education. Erasmus Global Week, Coimbra, Portugal, 2022. Access:

<https://globalweek.ipc.pt/program/work-program/>

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. **Global flow of tertiary-level students**. 2020. Disponível em:

<http://uis.unesco.org/en/uis-student-flow> . Acesso em: 15 out. 2021.

UNESCO IESALC. **Virtual student mobility**. 2021. Disponível em:

<https://www.iesalc.unesco.org/en/vsm/> . Acesso em: 03 nov. 2021.

UNESCO IESALC. **Moving minds: opportunities and challenges for virtual student mobility in a post-pandemic world**. 2022. Disponível em:

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000380988> . Acesso em: 05/01/2023.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 14. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

WHO. **Public health considerations while resuming international travel**. 2020. Disponível em:

<https://www.who.int/news-room/articles-detail/public-health-considerations-while-resuming-international-travel> . Acesso em: 03 out. 2021.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Bookman editora, 2015. ISBN: 9781452242569